

A Evolução do Emprego Formal no Nordeste no período de 2002 a 2018

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão. Economista¹

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo explanar as recentes mudanças no mercado de trabalho no Nordeste, diante de diferentes cenários econômicos nas últimas duas décadas.

No período de 2002 a 2018, o contexto econômico internacional e fatores políticos e econômicos nacionais produziram diferentes configurações para o crescimento econômico bem como para a geração de emprego e sua realocação nos segmentos produtivos no País e na Região Nordeste.

Entre os anos de 2002 e 2014, o estoque de emprego no País e na Região cresceu. E, mesmo diante da crise financeira internacional deflagrada em 2008, que impactou negativamente a economia nacional e no âmbito regional, o nível de emprego continuou a crescer, com índices mais robustos a partir de 2010, com seu auge em 2014.

No entanto, houve uma descontinuidade do crescimento do nível de emprego. Nos anos de 2015 a 2016, impactado pela crise política e econômica no plano nacional, o nível de emprego reduziu no País e na Região Nordeste, atingindo taxas negativas nos anos de 2015 e 2016.

Nos anos de 2017 e 2018, o nível de emprego volta a crescer, tanto no plano Nacional quanto no Regional, ainda no ritmo lento, mas com expectativas de recuperação para os próximos anos.

Por tanto, no período de 2002 a 2018, verificou-se que a Região Nordeste experimentou avanços no mercado de trabalho, que, em média, o crescimento de seu estoque de emprego foi maior que a média do País, no período em análise, e, consequentemente, ganhou participação frente às demais regiões.

Em relação ao desempenho estadual, embora com crescimento do estoque de todas as Unidades Federativas, constatou tendência de desconcentração espacial do emprego formal na Região.

Na análise dos últimos 15 anos, verificaram-se mudanças na estrutura produtiva. Entre as mudanças, destacam-se o avanço de postos de trabalho no setor de serviços considerados “modernos”; concentração do emprego formal em alguns setores da atividade econômica, considerados urbanos; e, expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas.

Portanto, para analisar as principais modificações observadas nos períodos de 2002 a 2018, o presente artigo faz análise das mudanças recentes no mercado de trabalho, com ênfase na Região Nordeste. Quanto aos procedimentos metodológicos, os dados que serão apresentados foram extraídos da Relação Anual de Informação Social (RAIS). A RAIS é uma importante fonte de dados (registros administrativos) sobre o mercado de trabalho formal no Brasil.

O documento está organizado em cinco capítulos. A introdução apresenta os aspectos gerais da abordagem do tema mercado de trabalho do Nordeste.

¹ Mestre em Economia Rural. Gerente de Produtos e Serviços Bancários do BNB/ETENE. E-mail: hellencris@bnb.gov.br

No segundo capítulo, analisa-se o mercado de trabalho quanto aos aspectos regionais, estabelecendo-se o comparativo Nordeste-Brasil para o período de 2002 a 2017, detalhando-se ainda a análise da evolução da estrutura do mercado de trabalho nas regiões.

O terceiro capítulo analisa a evolução do estoque de emprego no contexto estadual. Resumidamente, verificou-se que há em percurso uma “desconcentração espacial” do estoque de emprego, no período de 2002 a 2018, com o crescimento expressivo da participação de alguns estados, a exemplo do Maranhão e Ceará.

O quarto capítulo aprofunda a discussão acerca das atividades econômicas, bem como dos setores e subsetores que compõem o mercado de trabalho na Região Nordeste. E, por último, nas considerações finais, realiza-se uma avaliação geral do mercado de trabalho delineando, especialmente, a evolução dos acontecimentos citados ao longo do capítulo, com ênfase nos avanços e, o mais importante, o que se pode esperar e/ou quais são as novas questões sobre as diretrizes do mercado de trabalho, especificamente, no Nordeste.

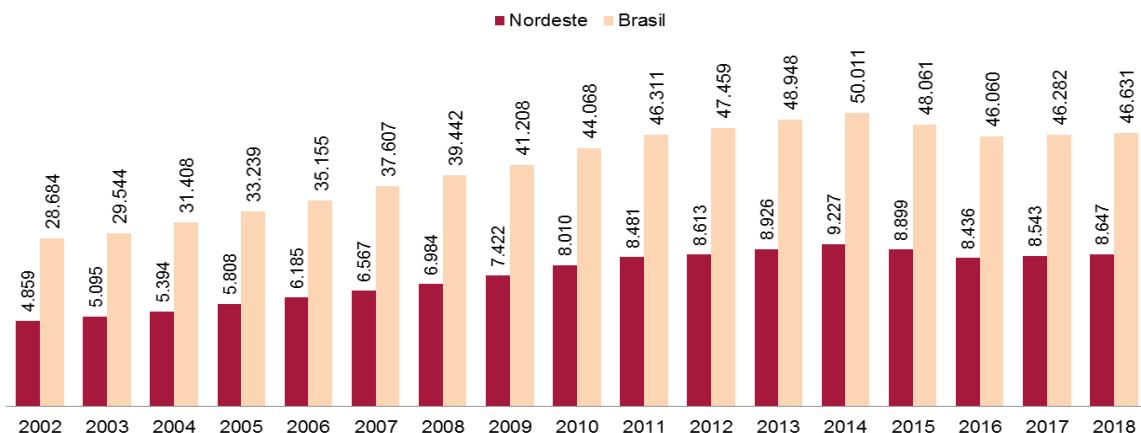
2. Análise regionalizada do Mercado de Trabalho

Acompanhando o dinamismo da economia brasileira, a tendência geral do mercado de trabalho foi de crescimento de 2002 a 2018. Neste período, o estoque de emprego no Brasil cresceu 3,1% ao ano, apresentando taxa acumulada de 62,6%. Da mesma forma, o nível de emprego no Nordeste registrou crescimento (+3,7% a.a.), com taxa acumulada de 77,9%, níveis acima da média nacional.

No entanto, no decorrer da análise, o comportamento do estoque de emprego não foi linear. A partir do Gráfico 1, verifica-se que tanto Brasil quanto Nordeste aumentaram continuamente o estoque de emprego no período de 2002 a 2014, sendo este último ano o auge dos seus respectivos estoques de emprego. Cabe destacar que, apesar da crise financeira internacional, deflagrada em 2008, esta não repercutiu com maior severidade no mercado de trabalho nacional, inclusive o do Nordeste.

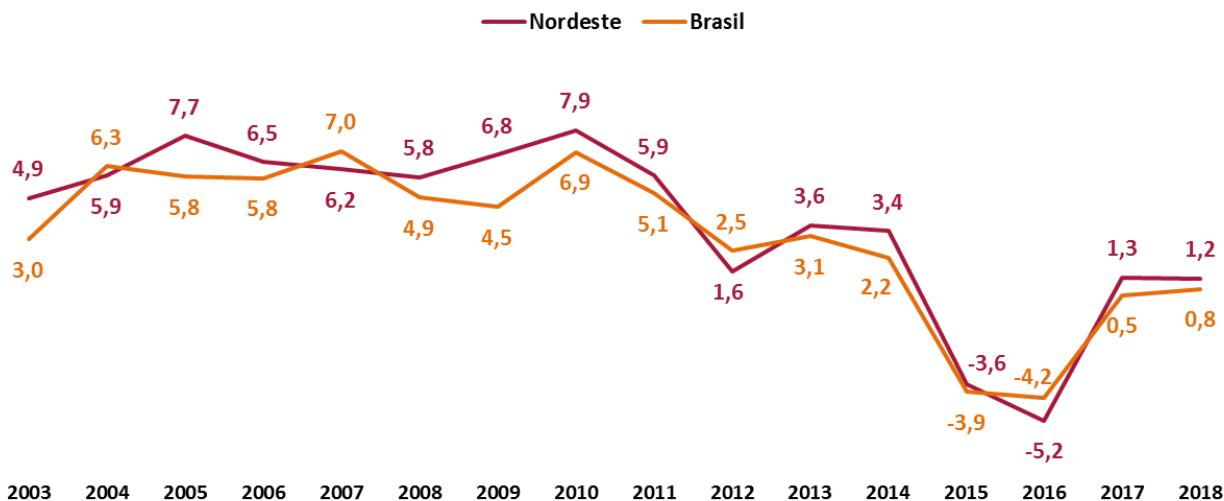
Posteriormente, de 2015 e 2016, verificou-se redução do estoque de emprego tanto para Brasil quanto no Nordeste. A partir de 2015, foram sentidos com maior intensidade os efeitos do desaquecimento do comércio internacional, com o início da queda dos preços das commodities em 2011, e, principalmente, do esgotamento da atividade econômica e da crise política no plano nacional, culminando numa recessão econômica que se prolongou até 2016, e com efeitos, ainda, de recuperação nos anos de 2017 e 2018.

Gráfico 1 – Brasil e Nordeste: Evolução do estoque de emprego – 2002 a 2019 (em mil pessoas)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Gráfico 2 – Brasil e Nordeste: Evolução do crescimento do estoque de emprego (%) – 2002 a 2019



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

2.1 Desempenho do estoque de emprego nas Regiões do País

Na série estudada, 2002-2018, o nível do estoque de emprego no Nordeste apresentou crescimento médio de 3,7% ao ano (a.a.). A exemplo do Nordeste, as regiões Norte (+4,6%) e Centro-Oeste (+3,7%) também tiveram variação na série superior à média Nacional (+3,1%), conforme dados da Tabela 1.

Diante desse crescimento, no período de 2002 a 2018, o Nordeste registrou incremento de 3,7 milhões de novos empregos. E, chegou em 2017 com nível do emprego de 8,6 milhões de trabalhadores formalizados, configurando o segundo maior do País, de acordo com informações da Tabela 1.

Tabela 1 - Brasil e Regiões - Estoque de emprego e taxa de crescimento (%) - Anos selecionados

País/Região	2002		2018		Taxa média de crescimento ao ano (% a.a.)			Variação 2002-2018	
	Vínculo	Par. (%)	Vínculo	Par. (%)	2002 - 2014	2015 - 2018	2002 - 2018	p. p.	Vínculo
Sudeste	15.128.474	52,7	22.911.116	49,1	4,3	-1,4	2,6	-3,6	7.782.642
Nordeste	4.859.397	16,9	8.647.237	18,5	5,5	-1,0	3,7	1,6	3.787.840
Sul	5.075.659	17,7	8.225.752	17,6	4,5	-0,4	3,1	-0,1	3.150.093
Centro- Oeste	2.323.786	8,1	4.179.924	9,0	5,3	-0,3	3,7	0,9	1.856.138
Norte	1.296.597	4,5	2.667.086	5,7	6,7	-0,7	4,6	1,2	1.370.489
Brasil	28.683.913	100	46.631.115	100	4,7	-1,0	3,1	0	17.947.202

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Em 2018, com contingente populacional estimado em 56,7 milhões de pessoas e estoque de emprego com 8,6 milhões de empregados formais, a relação de empregos formais e população residente foi de 15,2% no Nordeste. No entanto, em 2002, essa participação do número de emprego formal em relação à população residente foi de apenas 9,9%. Ou seja, no período de 2002 a 2017, essa participação aumentou em 5,3 pontos percentuais, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Brasil e Regiões - População residente estimada (pessoas), estoque de emprego e taxa de formalização da população¹ - 2002 e 2018

País/Região	2002			2018			Variação da Taxa de Formalização (em p.p.)
	População	Empregos formais	Taxa de Formalização ¹	População	Empregos formais	Taxa de Formalização ¹	
Sudeste	74.447.456	15.128.474	20,3	87.711.946	22.911.116	26,1	5,8
Nordeste	48.845.112	4.859.397	9,9	56.760.780	8.647.237	15,2	5,3
Sul	25.734.253	5.075.659	19,7	29.754.036	8.225.752	27,6	7,9
Norte	13.504.599	1.296.597	9,6	18.182.253	2.667.086	14,7	5,1
Centro-Oeste	12.101.540	2.323.786	19,2	16.085.885	4.179.924	26	6,8
Brasil	174.632.960	28.683.913	16,4	208.494.900	46.281.590	22,2	5,8

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Sistemas de Contas Regionais (2018). Nota: (1) Taxa de formalização da população compreende o percentual de empregos formais em relação à população residente.

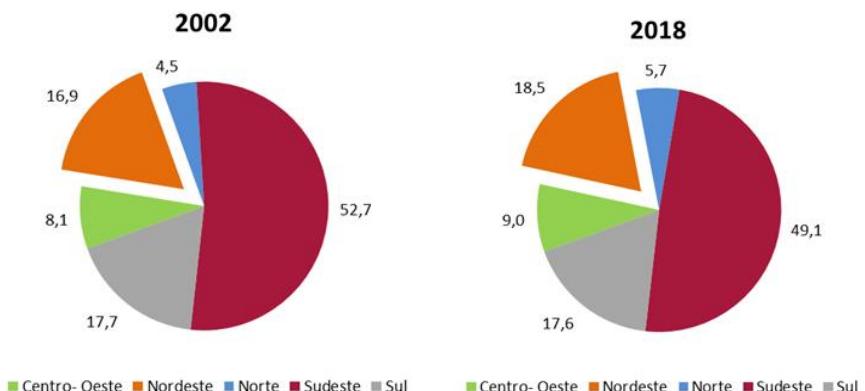
2.2. Evolução das participações do estoque de emprego entre as Regiões

Ao longo do período 2002 a 2018, com a evolução da estrutura do mercado de trabalho, conclui-se que as diferenças entre as Regiões se alteraram, como se observa no Gráfico 3 e Tabela 1. Mesmo que não substancialmente, essas mudanças apontam para um processo de desconcentração espacial do estoque de emprego formal no País, de forma que o eixo Sudeste-Sul perdeu participação no estoque total de empregos, enquanto, que o Nordeste avançou nesse mesmo período, assim como o Norte e o Centro-Oeste, como pode ser visto a seguir.

Entre as Regiões, três aumentaram suas respectivas participações relativa no total do estoque de emprego no País. Nordeste foi a Região com maior crescimento em participação, com seu estoque de empregos evoluindo de 16,9%, em 2002, para 18,5%, em 2017 (aumento de 1,6 p.p.); em seguida, Norte que passou de 4,5% para 5,7% (aumento de 1,2 p.p.) e Centro-Oeste, que avançou de 8,1% para 9,0% (variação de +0,9 p.p.), no período de 2002 a 2017. Ou seja, a participação conjunta das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste passou para 33,2% em 2017, ante 29,6% em 2002.

Por outro lado, Sudeste e Sul diminuíram suas respectivas participações no período analisado. O conjunto de suas representatividades no emprego formal decaiu para 66,8% em 2018, em contraste com 70,4% em 2002. O Sudeste (-3,6p.p.) computou a maior perda, para 49,1% em 2018, ante 52,7% em 2002; enquanto o Sul (-0,1 p.p.), reduziu para 17,6% em 2018, em contraste com 17,7% em 2002.

Gráfico 3 - Participação do estoque de emprego (%), por Região - 2002 e 2018



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

3 Desempenho Estadual do Mercado de Trabalho

As políticas econômicas adotadas no Brasil, no início desse século, ocasionaram impactos na estrutura produtiva do Nordeste, modificando as configurações do mercado de trabalho na Região, tanto em relação ao quantitativo de emprego quanto em termos das participações dos setores da atividade econômica na Região e nos Estados, entre os anos de 2002 a 2018.

De acordo com a Tabela 3, no período 2002 a 2018, o crescimento do nível do estoque de emprego ocorreu em todas as Unidades Federativas do Nordeste. Neste mesmo intervalo de tempo, cabe mencionar que o crescimento do estoque de emprego no Maranhão (+5,2%), Piauí (+4,2%), Ceará (+3,9%) e Rio Grande do Norte (+4,0%) superou a expansão da média do Nordeste (+3,7%).

Tabela 3 – Brasil, Nordeste e Estados – Estoque de emprego e taxa de crescimento (%) – Anos selecionados

País/Região/Estado	Estoque de empregos		Taxa Média de Crescimento ao ano (% a.a.)		
	2002	2018	2002 - 2014	2015 - 2018	2002-2018
Bahia	1.309.717	2.261.558	5,2	-0,7	3,5
Pernambuco	943.895	1.594.551	5,5	-1,5	3,3
Ceará	793.312	1.471.704	5,8	-1,6	3,9
Maranhão	329.935	747.143	7,1	1,1	5,2
Rio Grande do Norte	318.971	594.400	6,0	-0,8	4,0
Paraíba	375.537	639.404	5,2	-1,4	3,4
Alagoas	311.780	493.858	4,3	-1,0	2,9
Piauí	236.945	455.268	5,7	-0,4	4,2
Sergipe	239.305	389.351	4,9	-1,3	3,1
Nordeste	4.859.397	8.647.237	5,5	-1,0	3,7
Brasil	28.683.913	46.631.115	4,7	-1,0	3,1

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Em 2018, os três estados mais dinâmicos economicamente do Nordeste, ou seja, Bahia, Pernambuco e Ceará apresentaram o maior contingente de empregos formais na Região. Neste ano, Bahia computou 1,86 milhões de empregos com carteira assinada, representando cerca de 26,2% do total da Região. Seguiram Pernambuco, com 1,30 milhão de empregos (18,4%) e Ceará, com registro de 1,12 milhão de vagas (17,0%). Além da característica de terem as maiores economias na Região, os três Estados possuem as maiores densidades demográficas e níveis de urbanização da Região, fatores que contribuem diretamente para a concentração dos empregos formais.

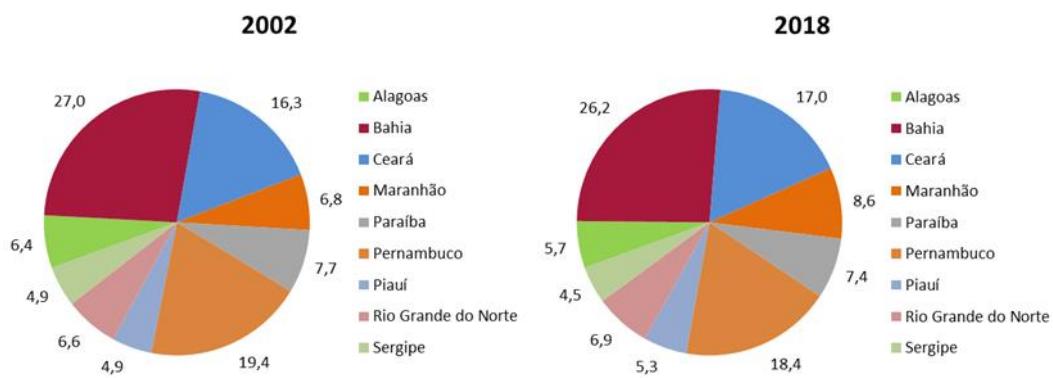
Entre 2002 e 2018, verificou-se que houve “desconcentração espacial” do estoque de empregos na Região, sendo que a participação de alguns Estados cresceu no período em análise. Como pode ser visto na Tabela 4 e no Gráfico 4, o conjunto de Unidades Federativas formado por Maranhão (+1,8 p.p.), Ceará (0,7 p.p.), Piauí (+0,4 p.p.) e Rio Grande do Norte (+0,3 p.p.) ganhou participação no estoque de empregos na Região. Estes Estados, como já mencionado, registraram crescimento do nível de emprego acima da média regional.

Tabela 4 - Nordeste: Participação do estoque de emprego por Unidade Federativa (%) - Períodos selecionados

Estado/Região	Participação (%)						Var. (%) 2002 a 2018	
	2002	2005	2008	2011	2014	2018	p. p. ⁽¹⁾	ao ano
Maranhão	6,8	6,9	7,8	8,0	8,1	8,6	1,8	5,2
Ceará	16,3	15,8	16,3	16,6	17,0	17,0	0,7	3,9
Alagoas	4,9	4,8	4,8	4,6	5,0	5,3	0,4	4,2
Piauí	6,6	7,8	7,4	7,0	6,9	6,9	0,3	4,0
Paraíba	7,7	7,2	7,4	7,2	7,5	7,4	-0,3	3,4
Sergipe	4,9	4,8	4,6	4,5	4,6	4,5	-0,4	3,1
Bahia	6,4	6,3	6,1	5,9	5,6	5,7	-0,7	2,9
Pernambuco	27,0	27,5	26,8	26,7	25,9	26,2	-0,8	3,5
Rio Grande do Norte	19,4	18,9	18,8	19,4	19,4	18,4	-1,0	3,3
Nordeste	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	3,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2019). Nota: (1) Variação em ponto percentual no período de 2002 a 2018.

Gráfico 4 - Nordeste: Participação do estoque de emprego por Unidade Federativa (%) - 2002 e 2018



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2019).

4 Mudança na estrutura produtiva

Uma das formas pela qual a mudança da estrutura produtiva se configura é através das transformações da composição do estoque de emprego entre setores da economia. Para verificar tal processo na Região Nordeste, através das Tabelas 5 e 6, detalham-se o nível de estoque e seu crescimento, assim como, as participações para cada setor da atividade econômica.

Na Região, todos os setores econômicos apresentaram crescimento no estoque de emprego no período de 2002 a 2018. De acordo com a Tabela 5, Comércio (+2,7% a.a.), Serviços (2,5% a.a.) e Construção Civil (+1,8% a.a.) lideraram referida expansão.

Tabela 5 - Nordeste: Estoque de emprego e taxa de crescimento (%), por setor da atividade econômica - Períodos selecionados

Setor	Estoque de empregos		Taxa Média de Crescimento ao ano (% a.a.)			Taxa Acumulada 2002-2018
	2002	2018	2002 - 2014	2015 - 2018	2002-2018	
Comércio	712.138	1.591.688	3,8	-0,9	2,7	123,5
Serviços	1.331.839	2.833.449	3,4	0,1	2,5	112,7
Construção Civil	208.486	357.796	4,8	-5,5	1,8	71,6
Extrativa Mineral	23.919	36.457	2,6	-2,0	1,4	52,4
Administração Pública	1.677.588	2.541.410	1,8	0,2	1,4	51,5
Indústria de Transformação	646.507	948.005	2,7	-1,4	1,2	46,6
S.I.U.P	63.366	90.463	1,4	0,3	1,2	42,8
Agropecuária	195.554	247.969	0,9	0,4	0,8	26,8
Nordeste	4.859.397	8.647.237	2,8	-0,5	1,9	77,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

A redefinição de alguns setores na Região, mesmo diante da crise que se instaurou a partir de 2015, seguiu os rumos demarcados, principalmente, pela demanda local. Essa mudança é perceptível na visualização das Tabelas 5 e 6.

No período de 2002 a 2018, o crescimento da economia regional teve rebatimentos sobre a estrutura produtiva, ao passo que foram redirecionados à geração de empregos para setores considerados urbanos. O estoque de emprego do setor de Serviços e de Comércio praticamente duplicou, tendo em vista as taxas acumuladas de crescimento de 123,5% e 112,7%, respectivamente. Desta forma, Serviços, com participação de 32,8%, passou para a primeira colocação no quantitativo de empregos em 2018, com 2,83 milhões de empregados registrados em carteira. Comércio (18,4%) permanece em terceiro lugar com 1,59 milhão de empregos formais em 2018.

Administração Pública (29,4%), com 2,54 milhões de empregados, possui o segundo maior estoque na Região em 2018. Indústria da Transformação (11,0%) possuía 948 mil empregos em seu quadro de trabalhadores formais, seguida pela Construção Civil (4,1%), que registrou 357 mil empregados, pela Agropecuária (247 mil empregos, 2,9%), Serviços Industriais de Utilidade Pública - S.I.U.P. (90 mil empregos, 0,9%) e Extrativa Mineral (36 mil empregos, 0,4%), conforme dados das Tabelas 5 e 6. Nas seções subsequentes, as atividades econômicas serão analisadas com maior detalhamento.

Tabela 6 - Nordeste: Participação do Estoque de emprego (%), segundo o setor - Anos selecionados

Setor	2002	2005	2008	2011	2014	2018	Var. p. p.
Administração Pública	34,5	34,9	33,2	30,0	27,4	29,4	-5,1
Agropecuária	4,0	4,0	3,3	2,9	2,6	2,9	-1,1
Comércio	14,7	15,5	16,4	17,5	18,3	18,4	3,7
Construção Civil	4,3	4,0	5,2	7,4	6,7	4,1	-0,2
Extrativa Mineral	0,5	0,4	0,5	0,5	0,5	0,4	-0,1
Indústria de Transformação	13,3	13,4	13,5	12,7	12,8	11,0	-2,3
S.I.U.P	1,3	1,1	1,0	0,9	0,9	1,0	-0,3
Serviços	27,4	26,6	26,7	28,1	30,8	32,8	5,4
Nordeste	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Outro reflexo da dinamização do mercado de trabalho no período analisado é o crescimento do número de estabelecimentos na Região que ocorreu no período de 2002 a 2018. Conforme dados da Tabela 7, verificou-se que além da ampliação das unidades produtivas em todos os setores da atividade econômica para este período, paralelamente, houve um processo de centralização dessas unidades nos setores do Comércio, Serviços e da Indústria de Transformação, quando, em 2018, estas representavam 44,3%, 36,6% e 7,9%, respectivamente.

Tabela 7 - Nordeste - Número de estabelecimento, participação (%) e taxa de crescimento (%), segundo o setor da atividade econômica - 2002 e 2018

Setor	2002		2018		Taxa de cresc. 2002-2018	
	Estabelecimento	Part. (%)	Estabelecimento	Part. (%)	Ao ano (%)	Acumulada (%)
Administração Pública	3.690	1,1	5.392	0,9	1,2	46,1
Agropecuária	22.097	6,8	31.290	5,0	1,1	41,6
Comércio	142.147	43,6	277.629	44,3	2,2	95,3
Construção Civil	16.557	5,1	30.405	4,9	2,0	83,6
Extrativa Mineral	849	0,3	1.449	0,2	1,7	70,7
Indústria de Transformação	28.645	8,8	49.321	7,9	1,8	72,2
S.I.U.P	1.245	0,4	1.876	0,3	1,3	50,7
Serviços	110719	34,0	229.214	36,6	2,4	107,0
Nordeste	325.949	100,0	626.576	100,0	2,1	92,2

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.1 Comércio e Serviços

De 2002 a 2018, Comércio (+2,7%) e Serviços (+2,5%) apresentaram os maiores crescimentos do estoque de emprego entre as atividades econômicas do Nordeste, conforme os dados das Tabelas 5 e 6.

Esse contexto foi proporcionado pelo dinamismo econômico regional, impactado principalmente pela maior demanda de bens de consumo não duráveis, reflexo da valorização do salário mínimo, aumento da oferta de crédito, além das políticas de transferências de renda que beneficiaram a Região; além do incremento no consumo de insumos industriais, com a retomada de investimentos públicos e privados.

Desta forma, com a crescente presença de setores estratégicos para a Região, através da indústria de transformação, da construção civil e dos complexos agroindustriais, houve maior disseminação nos serviços considerados modernos e no comércio, inclusive no interior da Região, desde a ampliação da oferta de serviços especializados, a exemplo de educação e saúde, e expansão de cadeias de supermercados, magazines e shopping centers².

O estoque de emprego em Comércio no Nordeste aumentou sua participação para 18,4% em 2018, em contraste com 14,7% em 2002. Por sua vez, a participação dos estabelecimentos comerciais cresceu para 44,3% em 2018, ante 43,6% em 2002, conforme dados da Tabela 7. Das 277.629 unidades produtivas do Comércio, em 2018, constata-se que 98,7% desses empreendimentos são de micro e pequeno portes, Tabela 8.

No mesmo sentido, o estoque de emprego em Serviços aumentou sua participação para 32,8% em 2018, ante 27,4% em 2002, configurando o setor com maior estoque de empregos celetistas na Região.

²BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2014; BERNAL, 2005; BEZERRA, 2018; TOMÉ, 2019 e VIANA, 2018.

Diante desse crescimento, e na mesma direção, ocorreu ampliação do número de estabelecimentos empresarias do setor de Serviços. De 2002 a 2018, a participação das unidades produtivas desse setor passou de 34,0% para 36,6% dos estabelecimentos totais na Região, respectivamente (Tabela 7). No ano de 2018, estavam registradas 229.214 empresas prestadoras de Serviços, das quais 96,8% eram de micro e pequeno portes, Tabela 8.

Tabela 8 - Nordeste: Número de estabelecimento, estoque de emprego e participação (%) para Comércio e Serviços, segundo o porte da empresa em 2018

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	Comércio	Serviços	Total	Participação (%)		
					Comércio	Serviços	Total
Nº de estabelecimentos	Até 9 empregados ⁽²⁾	243.359	187.061	430.420	87,7	81,6	84,9
	De 10 a 49 empregados ⁽³⁾	30.762	34.906	65.668	11,1	15,2	13,0
	De 50 a 99 empregados ⁽⁴⁾	2.218	3.982	6.200	0,8	1,7	1,2
	100 ou mais empregados ⁽⁵⁾	1.290	3.265	4.555	0,5	1,4	0,9
	Total	277.629	229.214	506.843	100	100	100
Nº de vínculos	Até 9 empregados ⁽²⁾	628.974	511.579	1.140.553	39,5	18,1	25,8
	De 10 a 49 empregados ⁽³⁾	556.389	689.344	1.245.733	35,0	24,3	28,2
	De 50 a 99 empregados ⁽⁴⁾	152.296	271.732	424.028	9,6	9,6	9,6
	100 ou mais empregados ⁽⁵⁾	254.029	1.360.794	1.614.823	16,0	48,0	36,5
	Total	1.591.688	2.833.449	4.425.137	100	100	100
Part. (%)		36,0	64,0	100			

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

4.1.1 Serviços considerados modernos

Segundo Meirelles (2008), o setor de Serviços carrega importantes diferenças entre os países desenvolvidos e “subdesenvolvidos” (ou em desenvolvimento), que podem ser reproduzidas na composição dos serviços modernos e tradicionais:

“Os serviços tradicionais, que empregam mão de obra menos qualificada e mal remunerada, ainda são responsáveis por grande parte da evolução do setor nos países subdesenvolvidos. Em contrapartida, nos países desenvolvidos, os serviços modernos, com um maior conteúdo tecnológico e uma mão de obra mais qualificada, tendem a ser preponderantes na composição do setor”.

O setor de Serviços apresentou expressiva participação tanto no Produto Interno Bruto³ quanto no estoque de emprego na Região e no País, conforme visto na seção anterior. Embora com representatividade, o setor de Serviços ainda absorve considerável parcela nos segmentos tradicionais, a exemplo da *administração técnica profissional* (Brasil, 31,3%; Nordeste, 32,5%) e *alojamento/comunicação* (Brasil, 24,3%; Nordeste, 23,5%), no ano de 2018, conforme dados da Tabela 9.

Inclusive o Sudeste, que centraliza grande parte do parque industrial brasileiro que demanda serviços intensivos em capital e conhecimento técnico, também concentra expressivo estoque de mão de obra do setor voltado ao serviço tradicional (*administração técnica profissional*, 32,5%; e *alojamento/comunicação*, 24,1%).

³O crescimento médio do Valor Adicionado Bruto de Serviços na Região foi de 3,4% a.a., entre 2002 a 2017. Sendo assim, no período, o setor de serviços ganhou participação relativamente aos demais setores da economia, saindo de 67,1% para 74,3%.

Tabela 9 - Brasil e Regiões: Estoque de emprego por sub-setor de Serviços e participação (%) em 2018

Sub-setor	Norte	Centro-Oeste	Sul	Nordeste	Sudeste	Brasil	Part. (%)		
							NE	SE	BR
Adm. Técnica Profissional	190.763	411.998	777.894	920.043	3.085.848	5.386.546	32,5	32,5	31,3
Alojamento/Comunicação	178.045	365.225	688.341	664.925	2.287.746	4.184.282	23,5	24,1	24,3
Ensino	110.295	167.598	339.070	416.567	1.022.434	2.055.964	14,7	10,8	11,9
Instituição Financeira	27.981	84.334	146.847	97.587	504.041	860.790	3,4	5,3	5,0
Médico Odontológico Vet.	85.367	185.034	341.721	378.917	1.160.982	2.152.021	13,4	12,2	12,5
Transporte e Comunicações	117.635	196.847	487.635	355.410	1.431.533	2.589.060	12,5	15,1	15,0
Total de Serviços	710.086	1.411.036	2.781.508	2.833.449	9.492.584	17.228.663	100	100	100
Part. (%)	4,1	8,2	16,1	16,4	55,1	100	-	-	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

No entanto, na análise que comprehende os anos de 2002 a 2018, verificou-se clara tendência de crescimento dos serviços denominados modernos, como serviços da área da saúde e da educação, na Região Nordeste, acompanhando o contexto nacional.

Em 2002, com 158.268 empregados, serviços de saúde (públicos e privados) participavam com 11,9% da força de trabalho do setor terciário, e, em 2018, essa participação foi de 13,4%, com estoque de 378.917 empregados, conforme a Tabela 10.

Tabela 10 - Nordeste - Estoque de emprego, participação e taxa de crescimento (%), segundo subsetores de Serviços - 2002 e 2018

Subsetor	2002		2018		Variação 2002 a 2018		
	Vínculo	Part. %	Vínculo	Part. %	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Adm. Técnica Profissional	387.871	29,1	920.043	32,5	137,2	5,5	3,4
Alojamento/Comunicação	381.376	28,6	664.925	23,5	74,3	3,5	-5,1
Ensino	147.420	11,1	416.567	14,7	182,6	6,7	3,6
Instituição Financeira	62.286	4,7	97.587	3,4	56,7	2,8	-1,3
Médico Odontológico Vet.	158.268	11,9	378.917	13,4	139,4	5,6	1,5
Transporte e Comunicações	194.618	14,6	355.410	12,5	82,6	3,8	-2,1
Total de Serviços no Nordeste	1.331.839	100	2.833.449	100	112,7	4,8	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Quanto ao Ensino, um dos subsetores que também responde pela maior parte do impulso do crescimento do emprego de Serviços, variou positivamente em 6,7% a.a. entre 2002 a 2018.

O estoque de emprego da área da educação esteve melhor posicionado em relação ao restante das outras atividades de serviços, uma vez que passou de 11,1% (147.420 empregos) em 2002 para 14,7% (416.567 empregos) em 2018, representando ganho em 3,6 pontos percentuais no período (Tabela 9).

Esses avanços estão relacionados a importantes investimentos na área de educação do ensino superior (pública e privada) em todo o território nacional, nos últimos 15 anos; em especial, no Nordeste, em que a presença de universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais registrou considerável

crescimento, especialmente, com o aumento da oferta de estabelecimentos de ensino no interior da Região (BANCO DO NORDESTE DO BRASIL, 2014).

Em 2002, o número total de instituições de ensino superior no Nordeste era de apenas 256, sendo 117 instaladas no interior da Região. Em 2018, em resposta às políticas de fomento na expansão do ensino superior, que resultou na criação de novas unidades (públicas e privadas) e na interiorização das universidades federais, o Nordeste passou a contar com 566 instituições de ensino superior, sendo 312 instituições no interior da Região. Ou seja, entre 2002 a 2018, o total de instituições de ensino superior triplicou (+ 166,7%), configurando o maior aumento entre as regiões do País, conforme a Tabela 11.

Tabela 11 - Brasil e Regiões - Quantitativo do total de Instituições do ensino superior⁽¹⁾, participação e taxa de crescimento (%), distribuição pelo total nas Capitais e Interior - 2002 e 2018

Brasil e Regiões	Instituições em 2002			Instituições em 2018			Taxa Acumulada (%)			Part. (%) 2018		
	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior	Total	Capital	Interior
Sudeste	840	246	594	1.126	304	822	34,0	23,6	38,4	44,4	33,6	50,3
Nordeste	256	139	117	566	254	312	121,1	82,7	166,7	22,3	28,1	19,1
Sul	260	61	199	414	111	303	59,2	82,0	52,3	16,3	12,3	18,6
Centro-Oeste	198	94	104	258	129	129	30,3	37,2	24,0	10,2	14,3	7,9
Norte	83	52	31	173	106	67	108,4	103,8	116,1	6,8	11,7	4,1
Brasil	1.637	592	1.045	2.537	904	1.633	55,0	52,7	56,3	100	100	100

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2018). Nota: (1) Universidades; Centros Universitários; Faculdades e IF e CEFET.

4.1.2 Desconcentração espacial do estoque de emprego

A partir dos dados da Tabela 12, verificou-se que os estados do Piauí (+6,5%) e Maranhão (+6,1%) lideraram as taxas de crescimento no estoque de emprego formal nos setores de Comércio e Serviços, de 2002 a 2018. Consequentemente, houve ganho de participação do estoque de emprego, em que Piauí e Maranhão avançaram 1,1 p.p. e 1,3 p.p., em 15 anos, respectivamente, conforme dados da Tabela 13.

Tabela 12 - Nordeste e Estados: Estoque de emprego no comércio e serviços - 2002 e 2018

Nordeste e Estados	2002			2018			Taxa de crescimento (% a.a.) 2002 a 2018		
	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total
Alagoas	37.288	59.223	96.511	87.036	147.566	234.602	5,4	5,9	5,7
Bahia	215.968	405.813	621.781	432.645	767.226	1.199.871	4,4	4,1	4,2
Ceará	106.701	231.888	338.589	256.392	502.882	759.274	5,6	5,0	5,2
Maranhão	51.045	82.192	133.237	148.532	196.172	344.704	6,9	5,6	6,1
Paraíba	42.837	76.031	118.868	104.831	176.981	281.812	5,8	5,4	5,5
Pernambuco	141.620	283.690	425.310	295.736	569.945	865.681	4,7	4,5	4,5
Piauí	35.930	48.340	84.270	89.435	140.353	229.788	5,9	6,9	6,5
Rio Grande do Norte	49.318	85.010	134.328	112.988	194.516	307.504	5,3	5,3	5,3
Sergipe	31.431	59.652	91.083	64.093	137.808	201.901	4,6	5,4	5,1
Nordeste	712.138	1.331.839	2.043.977	1.591.688	2.833.449	4.425.137	5,2	4,8	4,9

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Bahia (27,1%) e Pernambuco (19,6%) concentraram quase a metade do estoque de emprego no setor de Comércio e Serviços na Região, em 2018. No entanto, entre 2002 e 2018, Bahia e Pernambuco perderam participação de -3,3 p.p. e -1,2 p.p., respectivamente (vide Tabela 13).

Tabela 13 - Nordeste e Estados: Participação do estoque de emprego (%) no comércio e serviços - 2002 e 2018

Nordeste e Estados	2002			2018			Variação em ponto percentual 2002-2018		
	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total	Comércio	Serviços	Total
Alagoas	5,2	4,4	4,7	5,5	5,2	5,3	0,3	0,8	0,6
Bahia	30,3	30,5	30,4	27,2	27,1	27,1	-3,1	-3,4	-3,3
Ceará	15	17,4	16,6	16,1	17,7	17,2	1,1	0,3	0,6
Maranhão	7,2	6,2	6,5	9,3	6,9	7,8	2,1	0,7	1,3
Paraíba	6	5,7	5,8	6,6	6,2	6,4	0,6	0,5	0,6
Pernambuco	19,9	21,3	20,8	18,6	20,1	19,6	-1,3	-1,2	-1,2
Piauí	5	3,6	4,1	5,6	5	5,2	0,6	1,4	1,1
Rio Grande do Norte	6,9	6,4	6,6	7,1	6,9	6,9	0,2	0,5	0,3
Sergipe	4,4	4,5	4,5	4	4,9	4,6	-0,4	0,4	0,1
Nordeste	100	100	100	100	100	100	0	0	0

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.2 Indústria

A dinâmica do mercado de trabalho na Região Nordeste vem sendo caracterizada pela diferenciação e hierarquização de espaços e atividades, em um processo de há muito em construção, em que a expansão industrial e suas ondas de investimento desempenharam um papel crucial no contexto recente da economia regional.

O crescimento do valor gerado pela indústria regional⁴ implicou rebatimentos sobre a estrutura produtiva local, proporcionando diferentes configurações no estoque de emprego na Indústria Geral.

Na Região, entre 2002 a 2018, o dinamismo do mercado de trabalho foi definido pelo favorável desempenho, principalmente, da Construção Civil e da Indústria de Transformação, que cresceram em média 3,4% a.a. e 2,4% a.a., respectivamente. Nesta mesma base de análise, as Indústrias Extrativas (+2,7% a.a.) e de Serviços Industriais de Utilidade Pública (+2,3% a.a) também se destacaram (Tabela 14).

Outra definição da importância da Indústria de Transformação e da Construção Civil foi em relação aos seus respectivos pesos no âmbito da Região. As duas atividades foram responsáveis por 66,2% e 25,0% do estoque de emprego na Indústria Geral da Região Nordeste, em 2018.

Tanto a Indústria de Transformação quanto a Construção Civil obtiveram marcos históricos de incentivos direcionados para dinamização de ambos os setores na Região Nordeste. Segundo Araújo (2014), com o crescimento da renda das famílias, o consumo se dinamizou, e, em uma segunda etapa influenciou os investimentos na Região Nordeste.

Do lado do consumo, houve expansão, principalmente, das Indústrias de Alimentos e bebidas e de bens duráveis, considerando-se que unidades produtivas se instalaram na Região, inclusive nos centros urbanos das cidades médias. Quanto aos investimentos, um conjunto de projetos de infraestrutura econômica e social foram implantados no País pelo Governo Federal através do Programa de Aceleração do

⁴ Entre 2002 a 2016, o crescimento do Valor Adicionado Bruto da Indústria no Nordeste (+2,1%) foi acima da média Nacional (+1,5%), IBGE (2019).

Crescimento (PAC). Parte desse bloco de investimentos foi direcionado para a Região Nordeste, e paralelamente, acompanhando a euforia, também se aventurem investimentos do setor privado. Como exemplo, tem-se o Programa Minha Casa Minha Vida (2009), que contribuiu para impulsionar a Construção Civil, sendo um dos setores da economia mais beneficiado por referidas iniciativas na Região.

Tabela 14 - Nordeste: Estoque de emprego, participação e taxa de crescimento (%), por setor da indústria geral - Períodos selecionados

Indústria Geral e Subsetores	Estoque de empregos				Taxa de crescimento ao ano (% a.a.)			Taxa Acumulada 2002-2018	Var. p.p. 2002-2018		
	2002		2018		2002 - 2014	2015 - 2018	2002-2018				
	Vínculos	Part. (%)	Vínculos	Part. (%)							
Construção Civil	208.486	22,1	357.796	25,0	9,4	-10,6	3,4	71,6	2,9		
Extrativa Mineral	23.919	2,5	36.457	2,5	5,0	-3,8	2,7	52,4	0,0		
Ind. de Transformação	646.507	68,6	948.005	66,2	5,2	-2,6	2,4	46,6	-2,4		
S.I.U.P	63.366	6,7	90.463	6,3	2,7	0,6	2,3	42,8	-0,4		
Ind. Geral Nordeste	942.278	100	1.432.721	100	6,1	-4,7	2,7	52,0	0		
Ind. Geral Nordeste (%)	19,4		16,6						-2,8		
Nordeste	4.859.397		8.647.237		5,5	-1,0	3,7	77,9			

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.2.1 Análise conforme o porte da empresa

Entre 2002 e 2018, a Região Nordeste foi favorecida por crescimento mais intenso do quantitativo de estabelecimentos industriais considerados Microempresa (até 19 empregados). Já o crescimento de vínculos empregatícios foi mais forte na categoria microempresas e empresas de grande porte. Os setores da indústria de transformação e construção civil foram os que mais geraram empresas quanto e novos empregos. Estas constatações serão esclarecidas nos parágrafos a seguir, conforme as informações da pesquisa e das Tabelas 15, 16 e 17.

a. Microempresas - ME

Neste período, com crescimento de 3,2% a.a. e variação acumulada de 80,0%, as indústrias que empregam até 19 empregados, consideradas Microempresas – ME, ampliaram seu quadro em 32.268 novos estabelecimentos, com foco na indústria de transformação e construção civil (Tabelas 15 e 16).

Considerando a mesma base de análise, com crescimento de 3,2% a.a. e variação acumulada de 66,5%, a Região gerou 114.274 novos empregos formais com especialização na indústria de transformação e na construção civil (Tabelas 15 e 16).

Em 2018, o nível de estoque de emprego das microempresas na Região foi de 289.428 postos, com destaque para a Bahia (24,1%), Ceará (20,1%), Pernambuco (19,0%) e Paraíba (8,1%), vide Tabela 17.

b. Empresa de Pequeno Porte - EPP

Verificou-se ainda novas aglomerações industriais de pequeno porte no Nordeste. Entre 2002 a 2018, com crescimento de 2,7% a.a. e variação acumulada de 52,4%, ao todo, foram criadas 2.914 indústrias de pequeno porte na Região, com mercado para os estabelecimentos na indústria de transformação e na construção civil (Tabelas 15 e 16).

Diante da expansão de 2,5% a.a. e acumulado de 49,4%, o emprego nas indústrias de pequeno porte ampliou em 112.617 novas vagas. Grande parte da formação dos novos postos foi na indústria de transformação e construção civil, no período de 2002 a 2017.

O estoque de emprego nas empresas de pequeno porte alcançou 340.660 postos em 2018, com maior participação da Bahia (24,2%), Ceará (22,0%), Pernambuco (18,7%) e Paraíba (7,1%), Tabela 17.

c. Empresa de Médio Porte

Para as empresas de médio porte, que cresceram 2,0% a.a. e acumuladamente 36,3%, a Região aumentou em 423 novos estabelecimentos industriais no intervalo de 2002 a 2018 (Tabelas 15 e 16).

Quanto ao emprego nas empresas industriais de médio porte, que cresceram 2,0% a.a. e acumuladamente 37,1%, verificou-se a geração de 88.198 empregos formais no período em análise.

O nível de emprego nas indústrias de médio porte foi de 325.876 vínculos empregatícios em 2018, com maior participação nos estados da Bahia (28,4%), Ceará (19,5%), Pernambuco (18,8%) e Maranhão (7,7%), Tabela 17.

d. Grandes Empresas

Em relação às empresas de grande porte, com sedimentação de importantes polos de desenvolvimento agroindustrial, além do complexo mínero-metalúrgico, com crescimento de 3,4% e variação acumulada de 71,1%, a Região ampliou em 150 empreendimentos, destaque para novas empresas no setor da indústria de transformação e na construção civil, entre 2002 a 2017.

Os empreendimentos de grande porte apresentaram crescimento do emprego de 2,9% a.a. e variação acumulada de 57,6%, gerando 175.354 novos empregos formais, voltados majoritariamente para os setores da indústria de transformação e construção civil, de 2002 a 2017.

Com o processo de ajustamento da estrutura industrial em Estados da Região, e tendo em vista o impulso em alguns subsetores da indústria, considerados promissores, em 2018, verificou-se que o quadro de emprego atingiu 48.047 postos, com a partilha maior para Bahia (24,4%), estado detentor do Polo Petroquímico de Camaçari; Pernambuco (22,3%), com forte presença da construção civil e da indústria de derivados do petróleo; e Ceará (21,6%) com destaque para a Companhia Siderúrgica do Pecém.

Tabela 15 - Nordeste: Número de estabelecimento, estoque de emprego e participação (%) na Indústria, segundo o porte da empresa - 2002 e 2018

Nº de estabelecimento	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	2002		2018		Var. (%) 2002 - 2018	
		Total	Part. (%)	Total	Part. (%)	Acumulada	Cresc. a.a.
Nº de estabelecimento	Até 19 empregados ⁽²⁾	40.359	85,3	72.627	87,4	80,0	3,7
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	5.560	11,8	8.474	10,2	52,4	2,7
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	1.166	2,5	1.589	1,9	36,3	2,0
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	211	0,4	361	0,4	71,1	3,4
Nordeste		47.296	100	83.051	100	75,6	3,6
Nº de vínculo	Até 19 empregados ⁽²⁾	171.864	18,2	286.138	20,0	66,5	3,2
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	228.043	24,2	340.660	23,8	49,4	2,5
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	237.678	25,2	325.876	22,7	37,1	2,0
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	304.693	32,3	480.047	33,5	57,6	2,9
	Nordeste	942.278	100	1.432.721	100	52,0	2,7

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

Tabela 16 - Nordeste: Número de estabelecimento e estoque de emprego nos subsetores industriais, segundo o porte da empresa - 2018

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	Indústria de Transformação	Construção Civil	S.I.U.P.	Indústria Extrativa	Total	Part. (%)
Nº de estabelecimento	Até 19 empregados ⁽²⁾	42.912	27.182	1.400	1.133	72.627	87,4
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	5.226	2.654	333	261	8.474	10,2
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	950	493	103	43	1.589	1,9
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	233	76	40	12	361	0,4
	Nordeste	49.321	30.405	1.876	1.449	83.051	100
Nº de vínculo	Part. (%)	59,4	36,6	2,3	1,7	100	-
	Até 19 empregados ⁽²⁾	186.450	87.292	6.640	5.756	286.138	20,0
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	206.956	106.973	15.878	10.853	340.660	23,8
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	202.220	94.527	20.079	9.050	325.876	22,7
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	352.379	69.004	47.866	10.798	480.047	33,5
Nordeste	948.005	357.796	90.463	36.457	1.432.721	100	-
	Part. (%)	66,2	25,0	6,3	2,5	100	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

Tabela 17 - Nordeste: Número de vínculos empregatício na Indústria Geral, segundo o porte ⁽¹⁾ - 2018

Unidades Federativas	Até 19 empregados ⁽¹⁾	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	De 100 a 499 empregados ⁽³⁾	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	Total	Part. (%)	Var. (%) 2002 - 2018	
							Acumulada	a.a.
Alagoas	12.912	16.272	16.252	46.095	91.531	6,4	2,5	0,2
Bahia	68.871	82.293	92.623	116.957	360.744	25,2	80,2	3,7
Ceará	57.605	74.897	63.676	103.549	299.727	20,9	55,7	2,8
Maranhão	17.445	21.542	25.168	15.457	79.612	5,6	86,1	4,0
Paraíba	23.045	24.039	19.714	37.106	103.904	7,3	44,2	2,3
Pernambuco	54.318	63.678	61.109	107.149	286.254	20,0	47,8	2,5
Piauí	16.794	16.635	11.061	8.482	52.972	3,7	49,2	2,5
Rio Grande do Norte	22.676	26.486	21.043	22.466	92.671	6,5	27,6	1,5
Sergipe	12.472	14.818	15.230	22.786	65.306	4,6	49,5	2,5
Nordeste	286.138	340.660	325.876	480.047	1.432.721	100	52,0	2,7
Part. (%)	20,0	23,8	22,7	33,5	100	-	-	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

4.2.2 Emprego em subsetores de alta e média alta intensidades tecnológicas

Outra resultante desse padrão de crescimento, da mudança da base produtiva, foi a expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas, conforme a classificação proposta pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.

Embora com participação não tão representativa, a Indústria de Material de Transporte (+8,4% a.a.), Indústria Mecânica (+6,9% a.a.), Indústria Química (+4,3% a.a.) e Indústria de Elétrico e Comunicação (+3,2% a.a.) foram as atividades que apresentaram maior crescimento, entre 2002 e 2018 (Tabela 18).

Tradicionalmente, o emprego industrial no Nordeste é concentrado em setores de baixa e média intensidades tecnológicas. No entanto, é possível detectar que estes setores perderam participação no emprego total da indústria de transformação. Mesmo sendo os segmentos que mais empregam no Nordeste, com a Indústria de alimentos e bebidas (33,6%) e a Indústria têxtil (14,9%) concentrando quase a metade do emprego da indústria de transformação na Região em 2018, verificou-se que os dois segmentos perderam 4,3 e 4,1 pontos percentuais, respectivamente, no período de 2002 a 2018.

Tabela 18 - Nordeste: Indústria de Transformação - Estoque de emprego, taxa de crescimento (%) e participação (%) segundo o subsetor da atividade econômica - 2002 a 2018

Setor	Subsetor	2002		2018		Taxa (%) 2002-2018		Classificação setorial por intensidade tecnológica ⁽¹⁾
		Vínculos	Part. (%)	Vínculos	Part. (%)	Ao ano	Acumulada	
Indústria de Transformação	Alimentos e Bebidas	245.049	37,9	318.101	33,6	1,6	29,8	Baixa
	Indústria Têxtil	122.744	19,0	140.858	14,9	0,9	14,8	Baixa
	Indústria Calçados	59.522	9,2	105.452	11,1	3,6	77,2	Baixa
	Indústria Química	48.679	7,5	94.931	10,0	4,3	95,0	Média alta
	Mineral não Metálico	46.189	7,1	69.072	7,3	2,5	49,5	Média baixa
	Indústria Metalúrgica	30.425	4,7	50.812	5,4	3,3	67,0	Média baixa
	Papel e Gráfica	26.741	4,1	37.298	3,9	2,1	39,5	Média alta e Média baixa
	Material de Transporte	8.678	1,3	31.750	3,3	8,4	265,9	Alta e Média alta
	Madeira e Mobiliário	22.008	3,4	30.537	3,2	2,1	38,8	Baixa
	Borracha, Fumo, Couros	18.439	2,9	27.361	2,9	2,5	48,4	Média alta e Média baixa
Indústria de Transformação NE	Indústria Mecânica	9.670	1,5	27.948	2,9	6,9	189,0	Alta
	Elétrico e Comunicação	8.363	1,3	13.885	1,5	3,2	66,0	Alta
	Indústria de Transformação NE	646.507	100	948.005	100	2,4	46,6	
Indústria Geral NE		942.278	-	1.432.721	-	2,7	52,0	

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Classificação segundo a CNAE 2.0 a dois e a três dígitos.

4.2.3 Concentração no estoque de emprego da Indústria Geral em nível estadual

O emprego industrial cresceu em todos os estados da Região Nordeste, no período de 2002 a 2018; ainda assim, persiste a concentração nesta variável. Neste período, com crescimento respectivo de 3,7%, 2,8% e 2,5% ao ano, Bahia, Ceará e Pernambuco participaram, em conjunto, com 66,1% do emprego industrial da Região Nordeste, em 2018. Embora com participação não tão expressiva, o Maranhão apresentou o maior crescimento entre os estados do Nordeste, com variação de 4,0% a.a., no período em análise.

Mesmo com concentração do emprego industrial na Região, há um processo de ajustamento recente na estrutura de participação do emprego da indústria entre as Unidades Federativas do Nordeste.

Entre os anos de 2002 e 2018, observa-se que apenas Bahia, Maranhão e Ceará ganharam participação, com variação de 4,0 p.p., 1,1 p.p. e 0,5 p.p., respectivamente.

Esse processo de “ajustamento” avançou com a consolidação de importantes polos de desenvolvimento agroindustriais na Região: na Bahia, com a sedimentação do Polo Petroquímico de Camaçari, que abriga diversas indústrias químicas, petroquímicas e automobilísticas, além do polo da agroindústria em Juazeiro(BA)-Petrolina(PE).

No Maranhão, com o complexo mísnero-metalúrgico e o Porto de Itaqui, um dos principais portos de exportação da Região. Já no Ceará, destaca-se a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), localizado no Município de São Gonçalo do Amarante.

Tabela 19 - Nordeste e Estados - Estoque de emprego para a Indústria Geral - 2002 e 2018

Nordeste e Estados	2002		2018		Variação 2002 a 2018		
	Vínculo	Part. %	Vínculo	Part. %	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Alagoas	89.340	9,5	91.531	6,4	2,5	0,2	-3,1
Bahia	200.223	21,2	360.744	25,2	80,2	3,7	4,0
Ceará	192.455	20,4	299.727	20,9	55,7	2,8	0,5
Maranhão	42.771	4,5	79.612	5,6	86,1	4,0	1,1
Paraíba	72.059	7,6	103.904	7,3	44,2	2,3	-0,3
Pernambuco	193.628	20,5	286.254	20	47,8	2,5	-0,5
Piauí	35.511	3,8	52.972	3,7	49,2	2,5	-0,1
Rio Grande do Norte	72.621	7,7	92.671	6,5	27,6	1,5	-1,2
Sergipe	43.670	4,6	65.306	4,6	49,5	2,5	0,0
Total Geral	942.278	100	1.432.721	100	52,0	2,7	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

4.3 Agropecuária

Entre 2002 e 2018, o estoque de emprego formal do setor agropecuário obteve taxa de crescimento de 1,5% a.a., passando de 195.554 registros com carteira assinada, em 2002, para 247.969 empregos, em 2018.

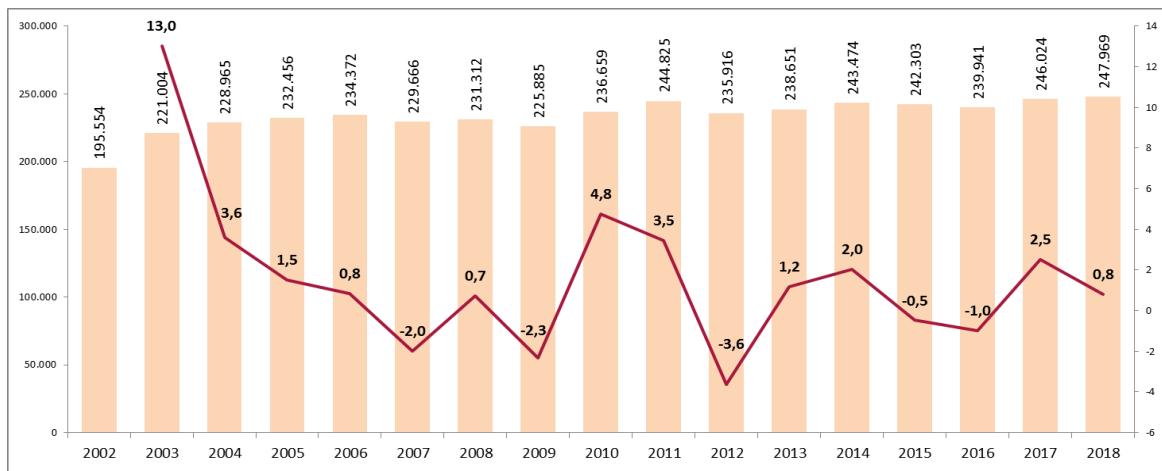
Entre 2002 e 2018, o nível de emprego do setor agropecuário sofreu oscilações devido a fatores mercadológicos internos e externos, além das adversidades climáticas. Neste período, foi registrada redução do nível de emprego nos anos de 2007, 2009, 2012 e, por último, em 2015 e 2016.

Em 2009, em função da crise econômica internacional que afetou significativamente a produção agropecuária voltada para exportação, a exemplo da produção de frutas irrigadas do Vale do São Francisco e do Vale do Açu, ocorreu a extinção de 5.427 empregos, sendo a maior perda de postos de trabalho observada desde 2002. Já no ano de 2012, com início da queda dos preços das principais *commodities*, o setor agrícola registrou o ápice da perda de postos de trabalho com carteira em todo o período analisado, ou seja, redução de 8.909 postos de trabalho na Região. E, mais recentemente com a crise econômica em 2015 e 2016, a Região perdeu 1.171 e 2.362 postos de emprego, respectivamente.

Vale ressaltar que nos anos de 2002 a 2018, houve um período de seca de cinco anos consecutivos, que gerou impactos negativos na Região, principalmente, no Semiárido do Nordeste. De certa forma, neste período, o setor produtivo foi severamente atingido, conforme dados da Pesquisa da Pecuária Municipal e Pesquisa Agrícola Municipal, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Diante da evolução dos números, é possível constatar que o setor agropecuário foi um dos setores mais sensíveis às crises internas e externas na economia regional, ratificando a forte sazonalidade do mercado de trabalho nesse segmento.

Gráfico 5 - Nordeste: Estoque e taxa de crescimento do emprego no setor Agropecuário - 2002 a 2018



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Em nível estadual, o setor agropecuário apresentou dinamismo diferenciado no mercado de trabalho formal na Região Nordeste. De 2002 a 2018, observou-se crescimento dos postos de trabalho em sete das nove Unidades Federativas, tendo Maranhão (+7,1%) e Piauí (+5,7%) as maiores variações ao ano. Em seguida, têm-se as variações dos estoques de emprego formal para Sergipe (+2,3%), Ceará (+2,2%), Bahia (+1,8%), Pernambuco (+0,8%) e Paraíba (+0,8%). No entanto, Alagoas (-2,7% a.a.) e Rio Grande do Norte (-0,1% a.a.) apresentaram variações negativas no período.

Em razão da dinâmica das atividades agropecuárias, no período de 2002 a 2018, Maranhão (+4,5 p.p.), Bahia (+1,9 p.p.), Piauí (+1,7 p.p.), Ceará (+0,9 p.p.) e Sergipe (0,5 p.p.) ampliaram suas participações no estoque de emprego formal no setor, conforme dados da Tabela 20. Esse crescimento foi decorrente, principalmente, da ampliação da fronteira de produção de grãos nos cerrados, que passou a demandar maior contingente de mão de obra nas regiões produtoras.

No mesmo período, observa-se um movimento de retração da participação do estoque de emprego no setor agropecuário em Alagoas (-4,3 p.p.), Pernambuco (-2,5 p.p.), Rio Grande do Norte (-2,1 p.p.) e Paraíba (-0,7 p.p.). Parte desse movimento pode ser explicado pelas transformações no processo de mecanização de algumas lavouras, mas, o fator preponderante, foi a progressiva perda de participação das atividades ligadas ao setor sucroalcooleiro na demanda por mão de obra, principal atividade agropecuária desses Estados na Região.

Tabela 20 - Nordeste e Estados - Estoque de emprego para a Agropecuária - 2002 e 2018

Nordeste e Estados	2002		2018		Variação 2002 a 2018		
	Vínculo	Part. %	Vínculo	Part. %	Acumulada (%)	a. a. (%)	p. p.
Alagoas	16.960	8,7	10.865	4,4	-35,9	-2,7	-4,3
Bahia	67.210	34,4	90.112	36,3	34,1	1,8	1,9
Ceará	16.148	8,3	22.712	9,2	40,6	2,2	0,9
Maranhão	6.487	3,3	19.304	7,8	197,6	7,1	4,5
Paraíba	12.458	6,4	14.145	5,7	13,5	0,8	-0,7
Pernambuco	46.873	24	53.270	21,5	13,6	0,8	-2,5
Piauí	3.615	1,8	8.794	3,5	143,3	5,7	1,7
Rio Grande do Norte	18.355	9,4	18.034	7,3	-1,7	-0,1	-2,1
Sergipe	7.448	3,8	10.733	4,3	44,1	2,3	0,5
Nordeste	195.554	100	247.969	100	26,8	1,5	-

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018).

Registre-se que, quando se avalia a composição do estoque de emprego formal do setor agropecuário por porte do estabelecimento na Região, a participação das micro e pequenas empresas no total de vínculos formais foi de 60,8% em 2018, enquanto, em 2002, essa participação foi de 54%, ou seja, crescimento de 6,8 pontos percentuais no período.

Destaque-se, contudo, que, para os estabelecimentos que contratavam acima de 500, empresas consideradas de grande porte, observou-se redução na capacidade de acumular mão de obra entre os períodos analisados (2002/2018). Nestes, reduziu-se de 20,8% a participação percentual de ocupados para 15,4%, de 2002 para 2018, respectivamente. Esse resultado, portanto, pode não estar relacionado com mudanças de estruturas fundiárias na Região, mas, provavelmente, com a capacidade de mecanização existente nos estabelecimentos de maior porte (Tabela 21).

Tabela 21 - Nordeste: Número de estabelecimento, Estoque de emprego e participação (%) na Agropecuária, segundo o porte da empresa - 2002 e 2018

	Estabelecimento ⁽¹⁾ / Estoque de emprego	2002		2018		Var. (%) 2002 - 2018	
		Total	Part. (%)	Total	Part. (%)	Acumulada	Cresc. a.a.
Nº de estabelecimentos	Até 19 empregados ⁽²⁾	20.703	93,7	29.398	94,0	42,0	2,2
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	1.108	5,0	1.549	5,0	39,8	2,1
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	253	1,1	303	1,0	19,8	1,1
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	33	0,1	40	0,1	21,2	1,2
	Nordeste	22.097	100	31.290	100	41,6	2,2
Nº de vínculos	Até 19 empregados ⁽²⁾	59.945	30,7	87.074	35,1	45,3	2,4
	De 20 a 99 empregados ⁽³⁾	45.640	23,3	63.626	25,7	39,4	2,1
	De 100 a 499 empregados ⁽⁴⁾	49.311	25,2	59.109	23,8	19,9	1,1
	500 ou mais empregados ⁽⁵⁾	40.658	20,8	38.160	15,4	-6,1	-0,4
	Nordeste	195.554	100	247.969	100	26,8	1,5

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do Brasil (2018). Nota: (1) Porte de estabelecimento segundo o número de empregados (SEBRAE, 2013); (2) Microempresa; (3) Empresa de pequeno porte; (4) Empresa de médio porte; (5) Grande empresa.

5. Considerações Finais

A Região Nordeste experimentou avanços no mercado de trabalho, fruto dos impactos positivos das políticas implantas a partir de 2002. O crescimento do estoque de emprego do Nordeste foi maior que a média do País, no período compreendido entre 2002 e 2018, e, consequentemente, ganhou participação frente às demais regiões.

Em relação ao desempenho estadual, mesmo Bahia, Pernambuco e Ceará apresentando o maior contingente de emprego formal durante toda a série, verificou-se tendência de desconcentração espacial do emprego, quando o crescimento da participação do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará foi relativamente maior que o restante dos estados da Região, no período analisado. Registre-se que todas as Unidades Federativas apresentaram crescimento do estoque de emprego formal.

Embora com avanço no total do estoque da mão de obra, o Nordeste ainda possui uma estrutura produtiva pouco diversificada. Apresenta concentração do emprego formal em alguns setores da atividade econômica, considerados urbanos, que absorve 80% do emprego formal na Região (Serviços, Administração Pública e Comércio).

Na análise dos últimos 15 anos, verificaram-se mudanças na estrutura produtiva, ao passo que gerou um ajustamento no mercado de trabalho formal da Região. Entre as mudanças, destaca-se o avanço de postos de trabalho no setor de serviços considerados “modernos”, com ênfase na geração de emprego da área da educação e saúde.

Na indústria, embora com concentração do emprego no setor tradicional, outra resultante dessas mudanças na base produtiva foi a expansão do emprego industrial em setores de alta e média alta intensidades tecnológicas no período em análise. Na agropecuária, verificou-se uma tendência de formação de postos de trabalho em áreas produtoras de grãos, decorrente da ampliação da fronteira agrícola na Bahia, Piauí e Maranhão.

Apesar dos avanços obtidos, alguns entraves no mercado de trabalho deverão ser superados em médio e longo prazos. Em linhas gerais, a desconcentração espacial do emprego seria uma barreira a ser enfrentada em médio prazo, que de fato, proporcionaria uma redução das diferenças na geração de emprego e renda na Região. Ademais, hiatos igualmente desafiadores permanecem numa base produtiva pouco diversificada, enfrentando este problema, uma das principais consequências, seria uma heterogeneidade maior da demanda por mão de obra com maior grau de especialização, e, paralelamente, a inserção de agregação de valor nas cadeias produtivas, que também, promoveria a demanda por mão de obra mais qualificada.

6. Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, T. B., Nordeste: Desenvolvimento recente e perspectivas. *In: GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (org.). Um Olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste.* Rio de Janeiro: BNDES, 2014. cap. 19, p. 337-358.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Nordeste 2022: Estudos Prospectivos Documento Síntese.** Fortaleza: Banco do Nordeste, 2014.
- BERNAL, M. C. C., A Nova Configuração Territorial do Nordeste: desigualdade e fragmentação. **Cadernos do Logepa.** João Pessoa, PB: UFPB, v. 4, n. 1, p.26-38, 2005.
- BEZERRA, Francisco Diniz. Indústria da Construção Civil. **Caderno Setorial ETENE,** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 3, n. 50, nov. 2018. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4141162/50_construcao.pdf/714a4956-1149-1bcc-5e79-1c1e61b945b5. Acesso em: 24 jun. 2019.
- BRASIL. Brasil. **Relatórios Anuais de Informações Sociais.** Brasília: Secretaria de Trabalho, 2018. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em: 3 jun. 2019.
- GUIMARÃES, Paulo Ferraz et al. (org.). **Um Olhar territorial para o desenvolvimento:** Nordeste. Rio de Janeiro: BNDES, 2014. 576 p.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística de Educação Superior 2017. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 5 ago. 2019.
- SISTEMAS DE CONTAS REGIONAIS. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?=&t=downloads>. Acesso em: 24 jul. 2019.
- MEIRELLES, D. S. Serviços e desenvolvimento econômico: características e condicionantes. **RDE: Revista de Desenvolvimento Econômico,** Salvador: UNIFACS, ano X, n. 17, jan. 2008. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1022/800>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- MORAIS, A. C. S., CÂMARA, L. J. A. Dinâmica do emprego industrial: uma análise da especialização dos Estados do Nordeste – 1994 – 2010. **Revista de economia regional, urbana e do trabalho,** Rio Grande do Norte: UFRN, v. 4, n. 2, 2015.
- MORETTO. A. et al. (org.). **Economia, desenvolvimento regional e mercado de trabalho do Brasil** Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho: Banco do Nordeste do Brasil: Centro de Estudos Sindiciais e de Economia do Trabalho, 2010. 364 p.
- SOUZA, T.C.; BENEVIDES, Z. A. C.; PIRES, M. M. ; Dinâmica, padrões espaciais e competitividade regional do emprego na economia criativa do Nordeste brasileiro: 2006-2013. *In: XI ENCONTRO DE ECONOMIA BAIANA – ECONOMIA REGIONAL* – Bahia, set. 2015 p. 363.
- TOMÉ, Luciana Mota. Shopping Centers. **Caderno Setorial ETENE.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 4, n. 69, fev. 2019. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/4804489/692019_Shopping+Center.pdf/b3bb866f-6563-36f7-79cc-0f2d94dbba9b. Acesso em: 24 jun. 2019.
- VIANA, Fernando Luiz E., Indústria de Alimentos. **Caderno Setorial ETENE,** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 3, n. 27, mar. 2018. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/3063080/27_alimentos_03-2018.pdf/e5d58b7a-205b-9d2b-edd4-ff075ba2212f. Acesso em: 24 jun. 2019.